

## **A Bíblia começou em Israel Norte - Gênesis 49,13-(18)24a<sup>1</sup>**

The Bible began in Northern Israel - Genesis 49:13-(18)24a

*José Ademar Kaefer\**

### Resumo

Referências extrabíblicas, como as estelas de Nimrud, Mesa e Dã, comprovam a grandeza do que foi Israel Norte. Contudo, nem a arqueologia e nem o estudo literário da Bíblia têm conseguido comprovar a existência de textos escritos em Israel Norte. De um lado, porque não se tem achado textos complexos em tabletes, estelas ou paredes que pudessem comprovar a existência de um corpo de escribas na corte da Samaria ou em algum santuário do reino, como Betel. De outro, porque, se eles existiram, foram incorporados na literatura bíblica de Judá de tal maneira que perderam sua identidade. Desvelar os escritos de Israel Norte remanescentes na Bíblia ainda é uma tarefa a ser realizada. Um, entre tantos escritos, acreditamos ser Gn 49,13-(18)24a. Aqui, não só foi incluído Judá na grande unidade (Gn 49,1-28), antes ausente, mas também foi excluído Efraim e substituído por José. Assim, um texto que antes servia para dar identidade a Israel Norte, com louvores a Efraim, foi descaracterizado para enaltecer Judá. Isso é o que o presente artigo, por meio da exegese, pretende demonstrar. Essa tarefa é relevante porque Israel Norte esconde uma cultura mais heterogênea que Judá, sul, mais próxima da história dos povos da América Latina e Caribe.

Palavras chave: Arqueologia. Exegese. Gênesis 49. História. Israel Norte.

### Abstract

Extrabiblical references, such as the Steles of Nimrud, Mesa and Dan, prove the greatness of Northern Israel. However, neither archaeology nor literary studies of the Bible have been able to prove sufficiently the existence of texts written in Northern Israel. On the one hand, we have not found complex texts in tablets, steles or walls that could prove the existence of a body of scribes in the court of Samaria or in some royal sanctuary, such as Bethel. On the other hand, if they existed, they were incorporated into the biblical literature of Judah in such a way that they lost their identity. Uncovering these writings of Israel North remaining in the Bible is still a task to be done. One among these writings we believe to be Gen 49:13-(18)24a. Here, not only Judah was included in the great unity (Gn 49:1-28), formerly absent, but also Ephraim was excluded and replaced by Joseph. Thus a text which formerly served to give identity to Northern Israel with praises to Ephraim, was decharacterized to exalt Judah. This is what this article, through exegesis, purports to demonstrate. This task is relevant because Northern Israel hides a more heterogeneous culture than Judah in the south, closer to the history of peoples of Latin America and Caribbean.

Keywords: Archeology. Exegesis. Genesis 49. History. Northern Israel.

---

\* Doutor em Sagradas Escrituras pela Universidade de Münster, Alemanha; Pós-doutorado pelo Departamento de Arqueologia da Universidade de Tel Aviv, Israel; Professor titular de mestrado e doutorado de Antigo Testamento da UMESP; Coordenador do Grupo de Pesquisa "Arqueologia do Antigo Oriente Próximo". E-mail: jademarkaefer@yahoo.com.br

## **Introdução**

Já temos escrito relativamente bastante sobre o poderio político e econômico do que adotamos chamar de Israel Norte.<sup>2</sup> Os avanços da arqueologia e do estudo literário da Bíblia têm sido nossos maiores aliados.<sup>3</sup> Faremos aqui apenas menção às principais evidências que testemunham esse potencial.

A grandeza de Israel Norte começou com a dinastia omrida: Omri (884-873), Acab (873-852), Ocosias (852-851) e Jorão (851-842). Foi ela que transferiu a capital do reino de Tirsa para a Samaria (1Rs 16,23-24). Uma das primeiras menções, fora da Bíblia, do poderio de Israel Norte encontra-se na inscrição monolítica de Nimrud, achada em 1840 por Austen Layard, no sítio arqueológico de Nimrud. Nela o rei assírio Salmanassar III (858-824) fala de uma batalha em 853 a.C. contra uma coalizão antiassíria formada por doze reis, junto às margens do rio Orontes, perto de Karkara. Nessa coalizão, o rei Acab de Israel Norte é mencionado como a principal força, ao liderar um corpo de soldados com duas mil bigas (Finkelstein; Silberman, 2006, p. 178).

Outra menção a Israel Norte, com nova referência à dinastia omrida, encontra-se na famosa estela de Mesa, achada em 1868 por um missionário alemão, em Dibon, região sul do território amonita, junto a Aroer. Nela, Mesa, rei de Moab, faz um relato detalhado da conquista de territórios que eram dominados por Israel, localizados na Transjordânia, na região de Moab e Amon. A informação de Mesa é um testemunho da extensão do domínio omrida, que chegou até o sul da Transjordânia, durante quarenta anos. É provável que a estela tenha sido escrita no final do reinado de Jorão (852-841). Ou seja, quando Israel Norte, após a morte de Acab, começa a declinar e a perder espaço para o arqui-inimigo, o rei Hazael de Damasco (2 Rs 6-9), os vassalos de Israel, como Mesa de Moab, aproveitam o momento para conquistar a independência (2Rs 3,4-5).

O terceiro registro do poder de Israel Norte encontra-se na estela de Dã (Biran; Naveh, 1993 ), achada recentemente no sítio arqueológico do mesmo nome, no extremo norte de Israel.<sup>4</sup> O conteúdo da inscrição gira praticamente todo em torno da guerra entre Damasco, sob a liderança dos reis Adad e Hazael, e Israel Norte, durante a dinastia omrida. A inscrição é clara no que se refere ao domínio de Israel sobre os territórios de Damasco, particularmente na linha 4, que diz: “Israel entrou previamente na terra de meu pai” (Kaefer, 2012). O

“previamente” representa ser um período de mais ou menos quarenta anos. Outro fator que mostra a importância de Israel Norte é o próprio motivo da estela, que foi erigida como marco da independência arameia do domínio israelita e a submissão da Samaria a Hazael, que mata o rei Jorão e coloca no poder o seu vassalo, o rei Jeú (2Rs 9-10). Ou seja, a estela de Dã é um marco do fim da dinastia omrida, que se dá com a morte de seu último dinasta, o rei Jorão.

Curiosamente, as estelas de Salmanassar III, de Mesa e de Dã são todas da mesma época, ao redor de 840 a.C., e se referem à mesma região, ao mesmo contexto político, aos mesmos reis e ao mesmo reino: Israel Norte. Elas atestam o poder que alcançou Israel Norte, sob o domínio da dinastia omrida.

### **1. Israel Norte depois da dinastia omrida**

Com a morte de Acab, por volta de 852 a.C., Israel Norte começa a declinar, como nos mostra a própria estela de Dã. Com o sucessor de Acab, o rei Jorão, Israel vai perdendo os territórios que Acab havia conquistado, até ser totalmente dominado por Damasco.

Israel Norte só volta ao cenário internacional quando renasce o império novo da Assíria, com o rei Adad-Nirari III (810-783). Os assírios conquistam Damasco e região, e fazem de Israel e Judá seus vassalos. Israel, o grande adversário de Aram, tem certa preferência, o que lhe permite que aos poucos vá recuperando os territórios que havia perdido para Damasco (2Rs 13,22-25). O auge é alcançado por Jeroboão II (788-747), cujo reinado foi o mais longo da história de Israel Norte (2Rs 14,25-28). É com ele que Israel Norte retoma as fronteiras de outrora: “Jeroboão restabeleceu as fronteiras de Israel, desde a entrada de Emat até o mar da Arabá” (2Rs 14,25a). As escavações mostram que nesse período as cidades de Dã, Betsaida, Hazor e Meguido eram administradas por Israel Norte. É possível que o domínio de Israel Norte tenha chegado até Eilat, no Golfo de Ácaba (Finkelstein, 2013). É a primeira vez que são encontradas inscrições em hebraico em Hazor e Samaria.

A estrutura, com palácios e imensas muralhas, encontrada pelas escavações da capital Samaria, é testemunha viva do poderio econômico de Israel Norte. Os 63 ôstracos encontrados por G. A. Reisner em 1910, os quais contêm registros de nomes de importantes produtores agrícolas, revelam o forte sistema

tributário vigente em Israel. Ainda há dúvidas se esses ôstracos pertencem ao período do reinado de Jeroboão II ou ao da dinastia omrida.

Após a morte de Jeroboão II, Israel Norte mergulha numa profunda crise política e econômica. A prova disso é a constante troca de reis no governo de Israel, todos eles assassinados (2Rs 15-17). A crise é acirrada com a subida ao poder de um novo rei na Assíria, Teglatfalassar III (745-727), que na Babilônia é conhecido como Pull. Esse rei aumenta os impostos sobre seus vassallos (2Rs 15,19-20), o que leva Israel Norte, com o rei Faceia (735-732), a se rebelar, unindo-se a uma coalizão antiassíria, integrada por cidades filisteias e arameias. A coalizão é derrotada, Damasco invadida e Samaria se rende. O novo rei de Israel Norte, Oseias (732-722), sucessor do derrotado rei Faceia, é obrigado a se submeter à vontade assíria. Contudo, alia-se secretamente ao Egito. Salmanassar V (727-722), sucessor de Teglatfalassar, descobre a conspiração e invade a Samaria. Depois de um longo cerco, em 722/720 a cidade é conquistada<sup>5</sup> e a população deportada. Esse é o fim de Israel Norte.

Os anais assírios falam de 27.280 pessoas deportadas de Samaria. Ao mesmo tempo, as escavações e estudos arqueológicos registram um alto aumento populacional não só em Jerusalém, mas em todo território de Judá. Esse aumento deve-se provavelmente ao deslocamento de habitantes de Samaria e arredores para o sul, Judá, fugindo da política de deportação assíria. Com a evasão do norte para os campos de Judá, e em particular para Jerusalém, Judá não só absorve a população de Israel Norte, mas também sua cultura e história. E, nesse processo de assimilação cultural, encontram-se também os escritos bíblicos de Israel que, depois de incorporados à história de Judá, reinterpretados e reescritos, ficaram quase impossíveis de identificar. Porém, eles existem. E, apesar das pegadas terem sido apagadas, às vezes intencionalmente, rastreá-las é nosso objetivo nesse ensaio.

Enfim, estamos convictos de que a Bíblia começou a ser escrita em Israel Norte, provavelmente na capital Samaria, antes de chegar à Jerusalém de Judá. Quando? Durante o reinado de Jeroboão II. Talvez seja possível retroceder um pouco mais, até o reinado da dinastia omrida (884-842). O que nos possibilitaria supor que durante o reinado de Jeroboão II já pudesse ter havido uma primeira compilação, da qual resultou o texto, foco da presente análise (Gn 49,13-(18)24a).

## 2. Gênesis 49<sup>6</sup>

Por que Gênesis 49? Porque é um texto paradigmático para a identidade de Judá. Acreditamos que esse texto contém um estrato antigo (Gn 49,13-(18)24a.), que, antes de ser incorporado pela teologia judaíta de Jerusalém, que exalta a figura de Judá (49,8-12), era um texto independente e paradigmático para afirmar a identidade de Israel Norte, com louvores a Efraim.

A importância de Gn 49 é atestada na narrativa do livro de Gênesis, onde o texto passa por um processo de alocação até ser situado no final do livro com a função de clausurar a obra, como uma alternativa ao projeto monarquista da novela de José<sup>7</sup> (Kaefer, 2006, p. 64-69). Tentaremos mostrar isso de maneira sucinta.

Tomemos como ponto de partida Gênesis 27, onde termina a saga de Isaac e começa a de Jacó. Isaac, já ancião e cego, e sabendo que sua morte se aproxima, chama o filho mais velho, Esaú, para lhe dar a bênção (Gn 27,1-4), um costume quando um patriarca se encontrava às portas da morte. Porém, Jacó rouba a bênção despertando a cólera do irmão mais velho Esaú. Depois da bênção de Jacó e da maldição de Esaú, é de se esperar que Isaac “se reunisse aos seus”, mas isso não ocorre. Gênesis 27,40, que se supõe concluiria com a morte de Isaac, termina de forma estranha: “mas quando te libertares tirarás o jugo do teu pescoço”. Esse final não combina com o ritmo e o sentido da sentença anterior. O mais lógico seria situar a morte de Isaac neste lugar da narrativa. O próprio texto deixa transparecer isso nas palavras de Esaú que, ao se ver roubado, planeja a morte do irmão: “se aproximam os dias de luto por meu pai, então matarei Jacó, meu irmão” (Gn 27,41b). Porém, Isaac não morre.

Depois da trama, Jacó é obrigado a fugir para junto de seu tio Labão, em Padã-Aram, no além Rio Eufrates (Gn 27,46-29,14). Ali, com o episódio do casamento com as duas irmãs, Lia e Raquel (Gn 29,15-30), nascem os filhos de Jacó (Gn 29,31-30,24). Após ter enriquecido (Gn 30,25-43), Jacó foge de Padã-Aram e volta para Canaã (Gn 31,1-21). Chegando em Canaã, na cidade de Siquém, acontece o ato de violência a Dina, única filha de Jacó, e a vingança dos irmãos Simeão e Levi (34). De Siquém Jacó se dirige a Betel e a Éfrata, onde nasce seu último filho, Benjamin, e morre Raquel (Gn 35,16-20). Aqui acontece uma interrupção para introduzir, muito brevemente, a aventura de Rubem (Gn 35,21-22a), causa à qual será atribuída a perda da primogenitura em Gn 49,3-4.

Segue, então, a lista dos doze filhos de Jacó (Gn 35,22b-26). Ou seja, Jacó já idoso, não terá mais filhos, Raquel, sua esposa, já está morta e a lista dos doze filhos já está concluída. Por conseguinte, é de se esperar que se seguisse o relato da morte de Jacó. Isto é, a bênção e morte de Jacó (Gn 49,1-33). Surpreendentemente o que segue é o relato da morte de Isaac (Gn 35,27-29), que estava desaparecido desde o momento da maldição sobre Esaú (Gn 27,40). A sucinta menção à morte de Isaac (Gn 35,27-29) parece indicar que ela toma o lugar do relato da morte de Jacó. Ou seja, aqui em Gênesis 37,27 deveria estar anteriormente Gênesis 49<sup>8</sup>, concluindo o livro de Gênesis. Mais tarde, com a inclusão da novela de José (Gn 37-48), Gênesis 49 foi transferido para o final da novela, encerrando o livro.

## 2.1 Gn 49,1-28 - Tradução<sup>9</sup>

<sup>1</sup>E chamou Jacó seus filhos e disse:

Reúnam-se e lhes informarei o que lhes sucederá no futuro dos dias.

<sup>2</sup>Jutem-se e ouçam, filhos de Jacó, ouçam Israel pai de vocês.

<sup>3</sup>**Rubem**, meu primogênito, tu és meu vigor e primícia da minha virilidade.

Demasiada exaltação e demasiada força.

<sup>4</sup>Impetuoso como as águas. Não estarás em cima, pois subiste aos leitos de teu pai. Subiste e profanaste minha cama.

<sup>5</sup>**Simeão e Levi**, irmãos, instrumentos de violência são suas facas.

<sup>6</sup>Em seu conselho não entrará minha *nefesh*. Em sua assembleia não participará minha glória. Pois, em sua fúria mataram homem, e em seus prazeres mutilaram touro.

<sup>7</sup>Maldita sua fúria, que foi cruel, e sua cólera, que foi implacável. Dividirei-os em Jacó e dispersarei-os em Israel.

<sup>8</sup>**Judá**, te louvarão teus irmãos. Tua mão na nuca dos teus inimigos. Prostrar-se-ão diante de ti os filhos de teu pai.

<sup>9</sup>Leão jovem é Judá. Da caça, meu filho, subiste. Ele se agachou, se acurruçou como leão e como leoa. Quem o lenvatará?

<sup>10</sup>Não se afastará o cetro de Judá, e nem o bastão de comando dentre seus pés, até que chegue o tributo para ele e lhe sejam submissos os povos.

<sup>11</sup>Aquele que amarra na videira o seu burro e na cepa o filho da sua jumenta. Lavou em vinho sua veste, em sangue de uvas sua túnica.

<sup>12</sup>Turvos estão os olhos do vinho, e branco os dentes do leite.

<sup>13</sup> **Zabulão**, em direção à costa de mares habitará, e em direção à beira de navios. E seu lado em direção à Sidônia.

<sup>14</sup> **Issacar**, jumento robusto deitado entre alforjes.

<sup>15</sup> E ele viu que o lugar de descanso era bom e que a terra era agradável. E inclinou suas costas para carregar e foi ao trabalho forçado escravizado.

<sup>16</sup> **Dã** julga seu povo como um das tribos de Israel.

<sup>17</sup> Será Dã uma serpente sobre o caminho, uma serasta sobre a vereda. Picou os talões do cavalo e derrubou o cavaleiro de costas.

<sup>18</sup> Por tua libertação espero, JHVH.

<sup>19</sup> **Gad**, um bando saqueador o atacará, e ele atacará a retaguarda<sup>10</sup>.

<sup>20</sup> **Aser**, abundante é seu pão, e ele provee manjares de rei.

<sup>21</sup> **Neftali**, um terebinto frondoso, que tem ramos formosos.

<sup>22</sup> Filho de touro é **José**, filho do touro junto à fonte. Filho daquela que caminha a par do touro.

<sup>23</sup> Eles o fustigaram e atiraram, e o hostilizaram arqueiros.

<sup>24</sup> E permaneceu firme seu arco e ficaram ágeis seus braços e suas mãos. Pelo nome do poderoso de Jacó, pelo nome do pastor, pedra de Israel.

<sup>25</sup> Por El de teu pai que te socorre e Shadday que te abençoa. Bênçãos dos céus do alto, bênçãos do abismo deitado embaixo. Bênçãos do seio e do ventre.

<sup>26</sup> Bênçãos de teu pai que prevalecem sobre as bênçãos das montanhas eternas, sobre as colinas milenares. Venham sobre a cabeça de José e sobre a fronte do consagrado entre seus irmãos.

<sup>27</sup> **Benjamim**, lobo voraz, pela manhã comerá a presa e pela tarde repartirá o despojo.

<sup>28</sup> Todas estas são as doze tribos de Israel e isso foi o que disse para eles seu pai. E os abençoou a cada um, conforme sua bênção os abençoou.

## 2.2 Estrutura

Interessa-nos aqui comentar a estrutura do texto porque é a partir do conjunto que compreendemos as partes, que é o nosso interesse maior nesta análise.

Primeiramente, é facilmente perceptível que o texto está organizado em torno dos nomes dos doze filhos, em forma de ditos. Cada dito inicia com o nome do filho/tribo, a exceção do dito de José (v. 22-26), fato que deixa uma interrogação no ar. Outro aspecto que se distingue claramente no conjunto do texto é a introdução (v. 1-2) e a conclusão (v. 28). Temos na verdade, duas introduções: v. 1b, que reúne os filhos para informar acerca do futuro, e v. 2, que

junta os filhos para que ouçam. Ambas estão conectadas ao v. 1a como complemento. Percebe-se, portanto, que houve na introdução um adendo para recharacterizar o texto. O mesmo se percebe na conclusão, que também tem duas partes: v. 28a, que caracteriza o texto como um dito, e v. 28b, que o caracteriza como uma bênção.<sup>11</sup>

Outro detalhe perceptível à primeira vista é que há ditos menores e ditos maiores, com destaque para os ditos de Judá (v. 8-12) e de José (v. 22-26). Ainda, alguns ditos têm conteúdo positivo, como os de Judá e José, e outros negativos, como os de Rubem e de Simeão e Levi. Com um pouco mais de atenção se perceberá que o v. 18 destoa do conjunto, introduzindo o nome de Javé que estava ausente no texto. Curiosamente, esse adendo foi colocado exatamente entre as seis tribos pequenas do norte (v. 13-21).

Tendo visto isso e sem entrar em maiores detalhes, concluímos que o texto apresenta uma estrutura perfeitamente concêntrica ou quiásmica, vejamos:

A v. 1-2 > Introdução: convocação dos filhos

B v. 3-7 > Rubem, Simeão e Levi: os filhos/tribos desprezados

C v. 8-12 > Judá: o filho/tribo monarca, rico e poderoso

D v. 13-17 > Zabulon, Issacar e Dã : os filhos/tribos pequenas do norte

**E v. 18 > JHVH**

D' v. 19-21 > Gad, Aser e Neftali: os filhos/tribos pequenas do norte

C' v. 22-26 > José: o filho/tribo abençoado

B' v. 27 > Benjamin: o filho/tribo predileto

A' v. 28 > Conclusão: dito e bênção

Temos, portanto, três pilares que servem como alicerce para sustentar a estrutura do texto: A introdução (v. 1-2), a conclusão (v. 28) e o centro, Javé (v. 18). Internamente a estrutura é fortalecida amarrando os v. 3-7 (os filhos desprezados, Rubem Simeão e Levi) ao v. 27 (o filho predileto, Benjamin); os v. 8-12 (o monarca, Judá) aos v. 22-26 (o filho abençoado, José); e os v. 13-17 (os filhos/ditos menores do norte, Zabulon, Issacar e Dã) aos v. 19-21, (os também filhos/ditos menores do norte, Gad, Aser e Neftali).

### 2.3 Destaque a Judá

Na abordagem feita até aqui, desvendando a estrutura do texto, encontramos-nos no nível sincrônico. Ou seja, até aqui não nos temos empenhado em buscar possíveis camadas redacionais, tarefa que na exegese se denomina de estudo diacrônico do texto. Faremos isso brevemente para detectar alguma possível camada antiga que possa remeter a Israel Norte, que é o propósito desta pesquisa.

Como já mencionamos acima, alguns aspectos saltam aos olhos, é o caso do bloco dos v. 10-12, que destaca a figura de Judá, prevendo-lhe poder e riqueza no futuro. Em contrapartida, temos o bloco dos v. 3-7, que mostra os filhos Rubem, Simeão e Levi, que são os irmãos mais velhos de Judá, serem recriminados e deserdados. Ao serem deserdados, eles perdem o direito à primogenitura, que passa, então, a Judá. De forma que, aqui há uma clara tentativa de sobrepor Judá aos demais irmãos/tribos, especificamente aos mais velhos.<sup>12</sup> O curioso é que em Juizes 5, que é outro texto paradigmático para a identidade de Israel e que provavelmente contém partes mais antigas que Gn 49<sup>13</sup>, Judá está completamente ausente. Ou seja, Judá nem sequer é mencionado. Semelhante situação encontramos em Deuteronômio 33, outro texto com característica similar aos dois anteriores, onde Judá tem presença muito tímida (Dt 33,7). Em compensação, Levi que é descriminado em Gênesis 49, recebe ali grande destaque (Dt 33,8-11).

Enfim, parece-nos evidente que numa segunda ou terceira redação, Judá recebeu tinta, no intuito de sobrepor este filho/tribo aos demais.

### 2.4 Ausência de Efraim

Outro aspecto que chama a atenção é a ausência de Efraim e Manassés, as duas maiores tribos de Israel Norte, sempre presentes nos demais textos que tratam das tribos de Israel. Especialmente Efraim, que, dada a sua importância, costuma ser o cognome de Israel. É muito estranho, portanto, que Efraim não esteja na lista dos doze filhos/tribos, num texto que representa a identidade nacional.

Por outro lado, temos a presença de José (v. 22-26), que na literatura bíblica tem uma identidade confusa. Isto é, em nenhum lugar na Bíblia José

aparece como tribo, como é o caso dos demais irmãos. Inclusive, o fato do dito não começar com o nome (v. 22), como acontece nos demais, levanta a suspeita de ele ter sofrido alguma interferência literária. Vejamos.

O v. 22 começa com a expressão *Ben porat*, uma forma que na Bíblia só aparece aqui, e que literalmente significa “filho de *porat*”. Este verso tem sido traduzido de muitas e diferentes formas, mas que em geral podem ser classificadas em duas: as versões que traduzem *porat* por planta (Kaefer, 2006, p. 24,193) e as que traduzem *porat* como sendo um animal.<sup>14</sup> As nossas Bíblias tendem a associar *porat* com uma planta (árvore ou videira).<sup>15</sup> Há comentários bíblicos que associam *porat* com um touro (Gunkel, 1964, p. 485; Hoop, 1999, p. 180), que parece ser a opção correta. A confusão parece estar na versão massorética, que leu *sur* “muro” em vez de *sor* “touro”. No hebraico, sem vogais, as duas leituras são possíveis (Kaefer, 2015, p. 888-889).

Além disso, a expressão *ben porat* esconde um jogo de palavras, que faz referência a Efraim/Efrat (Seebass, 1977, p. 334). Ou seja, *porat* e Efraim/Efrat têm a mesma raiz. Por isso, é bem provável que no princípio o “dito de José” pertencia a Efraim e não a José (Zobel, 1965, p. 5.115; Westermann, 1982, p. 270; Sanmartin, 1983, p. 92-93). Isso explicaria a ausência de Efraim, a tribo mais importante de Israel norte. Isto é, quando o texto se formou em Israel norte, a tribo mais importante, a que era detentora das bênçãos das divindades, era Efraim. Mas, depois, após o texto migrar para Jerusalém, foi acrescentado Judá (v. 8-12), o poderoso monarca, e Efraim foi excluído e substituído por José.

Portanto, com o exposto acima, é provável que na sua origem, o v. 22 tinha a seguinte composição: “Efraim é o filho do touro, filho do touro junto à fonte. Filho daquela que caminha a par do touro”.<sup>16</sup> Isto explica a constante associação que existe entre José, Efraim e Manassés na Bíblia Hebraica (Kaefer, 2015, p. 888-889). É comum, não só em Gênesis 41,50-52 e Gênesis 48, como veremos mais adiante, mas também em outras passagens, especialmente no Pentateuco, a afirmação de que Efraim e Manassés sejam filhos de José.<sup>17</sup> Em contrapartida, raramente encontramos menção a José como tribo, e sim como casa, a “casa de José”, em paralelo com a “casa de Judá” ou como referência a Israel (Am 5,6.15; Sl 80,2-3).

## 2.5 José

O afirmado acima nos conduz à pergunta sobre a real identidade de José: Quem é José de fato? S. Mowinckel sugere que José fosse uma antiga divindade da Palestina central. A referência seria a tumba de José que, segundo Josué 24,32, fica perto de Siquém, nas montanhas de Efraim. De maneira que, as tribos que mais tarde surgiram nessa região teriam sido atribuídas a José como sendo seus filhos, seria o caso de Efraim e Manassés (Mowinckel, 1958, p. 141-144).

O que nos parece evidente é que os textos que relacionam José a Efraim e Manassés<sup>18</sup> deixam transparecer um intenso trabalho redacional (Kaefer, 2006, p. 193-215). Isto é, como tribo, José não é nada mais que o resultado de uma ação literária. O exemplo mais evidente temos em Gênesis 41,50-52 e Gênesis 48. Primeiro, Manassés e Efraim são imputados a José (Gn 41,50-52), depois os dois são adotados por Jacó (Gn 48).<sup>19</sup>

Enfim, é provável que esta intrigada situação histórico-literária esteja por trás da dupla expressão *porat* do v. 22. Vejamos com mais detalhes.

## 2.6 Efraim é substituído por José<sup>20</sup>

A narrativa do livro do Gênesis relata que, depois de se ter estabelecido no Egito, em Gessen, Jacó viveu cento e quarenta e sete anos (47,28b). Quando percebe que o momento da morte se aproxima (47,29a), Jacó chama seu filho José e lhe pede para ser enterrado junto ao túmulo dos seus antepassados, e José promete cumprir a vontade do seu velho pai (47,30-31b). Em seguida se esperaria a bênção sobre José e a morte de Jacó, que seria a conclusão lógica. Porém, novamente temos um final confuso. Assim termina o versículo 47,31c: “e se inclinou (caiu) Israel sobre a cabeceira da cama”. A compreensão óbvia é: Jacó morreu. Esta seria a conclusão esperada. Porém, na continuação da narrativa, a morte de Jacó não ocorre. Além disso, os versos seguintes (48,1-2) não se encaixam com o fim do de 37,27-31. E ainda, estranhamente Jacó adota os filhos de José, Manassés e Efraim (48,5), e os abençoa (48,9-20). Na nossa compreensão, o que ocorre aqui é uma transferência de textos/bênçãos. Manassés e Efraim recebem aqui a bênção que era de José no final de Gênesis 47. Isso fica evidente na introdução da bênção (48,15a), onde ela é claramente

dirigida sobre José: “E ele abençoou José e disse...” (*way<sup>e</sup>barek ’et-yosep wayomar*), mas a bênção termina sendo dirigida sobre os dois meninos (v. 16).

Nossa afirmação fica ainda mais evidente no final do relato da adoção e bênção, onde, em vez de prometer a Manassés e Efraim, que haviam recebido a bênção, Jacó promete a José “um Siquém a mais que aos irmãos” (48,22a). Ou seja, esta promessa é estranha, pois a bênção estava sendo dirigida sobre os filhos de José, e não sobre José. Na verdade, este último versículo é um resquício do que sobrou da bênção que pertencia a José e não a Manassés e Efraim. Assim, termina o costurado capítulo de Gênesis 48. Neste ponto a narrativa da novela de José sofre uma grande quebra: introduz-se a bênção sobre todos os filhos de Jacó (Gn 49,1-28), que anteriormente estava localizada em Gênesis 37,27.

## 2.7 O dito de José: Gênesis 49,22-26

Dando continuidade a esta instigante questão, em Gênesis 49,22-26 encontra-se o dito de José, que pode ser dividido em duas partes diferentes: v. 22-24a e v. 24b-26. A primeira parte se identifica com os ditos das chamadas “pequenas tribos do norte” (49,13-21), enquanto que a segunda, que apresenta a invocação da divindade e a bênção, se identifica com a linguagem da história de José interrompida em Gênesis 47. Portanto, Gênesis 24b-26 é a bênção que José era para receber no final de Gênesis 47, mas que foi dada aos dois meninos em Gênesis 48,15-16, cujos versos se identificam enormemente com Gênesis 49,24b-26. Ou seja, a bênção que José era para receber no final de Gênesis 47 foi deslocada para Gênesis 49,25-26. E Efraim e Manassés, que antes deviam estar no lugar de José, em Gênesis 49,22-26, foram deslocados para Gênesis 48,15-16.

O velho e sábio C. Westermann (1982) já tinha farejado esse deslocamento da bênção em Gênesis 49,26: “O texto ainda deixa transparecer claramente, especialmente no v.26b, que aqui uma bênção, que havia sido pronunciada sobre uma pessoa (como em Gn 27), foi transferida sobre uma tribo.”<sup>21</sup>

Seguindo a narrativa do texto, as coisas se ampliam e ficam mais evidentes. Acabadas as instruções para os filhos (49,33), Jacó “recolheu seus pés sobre a

cama, expirou e se reuniu ao seu povo”. Aqui ocorre a morte de Jacó, que já se esperava em Gênesis 47,31, onde a narrativa foi interrompida. Isto é, encontramos a resposta à pergunta que lá fazíamos. Curiosamente, o final de 49,33b “recolheu seus pés sobre a cama” é idêntico ao final de 47,31c: “inclinou-se Israel sobre a cabeceira da cama”. Se acrescentássemos 49,33c a 47,31c teríamos o final que não ocorre no capítulo de Gênesis 47, ou seja: “inclinou-se Israel sobre a cabeceira da cama, expirou e se reuniu a seu povo”. Portanto, Gênesis 47,31 continua em Gênesis 49,33, sem o capítulo 48 e sem 49,1-28 (29-32).

Em resumo, o que buscamos mostrar é que a reorganização do final do livro de Gênesis consiste em três aspectos principais. Primeiro, a elaboração do capítulo de Gênesis 48 a partir da bênção de José, que estava no final de Gênesis 47 e que foi conferida a Efraim e Manassés. Segundo, a inclusão de Gênesis 49,1-28, transportado do final de Gênesis 35. Terceiro, a transferência e acomodação da bênção de José para Gênesis 49,24b-26, com a substituição de Efraim por José (49,22).

### **3. Gênesis 49,13-(18)24a**

Se na sua origem, como mostrado acima, a primeira parte do dito de José (Gn 49,22-24a) pertencia a Efraim, e não a José, então Gênesis 49,13-(18)24a formava uma só unidade, independente, e que tinha como grande liderança a tribo de Efraim. Quando mais tarde aconteceu em Jerusalém a recopilação de Gênesis 49,1-28, assim como todo final do livro de Gênesis, o redator judaíta, além de substituir Efraim por José, introduziu Judá, como monarca poderoso que reina sobre seus irmãos/tribos (v. 8-12). É possível que nesse momento também tenham sido acrescentadas ou ampliadas a introdução (v. 1-2), a conclusão (v. 28) e o v. 18. Na nossa compreensão, porém, a primeira parte, substituição de Efraim por José e a inclusão de Judá, aconteceu durante o reinado de Josias (640-609), enquanto que as mudanças na introdução (v.1-2) e na conclusão (v. 28) e a inclusão do v. 18, como centro da perícopes, aconteceram quando foi concluída toda a Torá, não antes do ano 400 a.C. Foi também então que Gênesis 49,1-28 recebeu sua estrutura concêntrica atual.

De maneira que, parece-nos seguro afirmar que em Gênesis 49,1-28 tem uma camada antiga, que corresponde a Gênesis 13-(18)24a,<sup>22</sup> na qual Efraim era a grande tribo dominante. Qual a origem desse texto? Israel Norte! De que

época? Talvez, do tempo de Omri e Acab (884-852), mas, mais provavelmente do período de Jeroboão II (788-747), que foi um dos mais longos e importantes reinados de Israel Norte.

### **Conclusão**

Assim como Gênesis 49,13-(18)24a, existem outros textos provenientes de Israel Norte que se encontram “camuflados”, principalmente nos Livros Históricos, Proféticos e no Pentateuco. A própria tradição do êxodo provavelmente é de proveniência nortista (Kaefer, 2015)<sup>23</sup>. Cabe a nós desvelá-los. Ou seja, a Bíblia começou em Israel Norte.

Por que essa tarefa e o que ela ajuda para a hermenêutica latino-americana? Porque em Israel Norte, a cultura e, principalmente, a religiosidade, é muito mais diversificada e antiga. Enquanto que em Judá nos deparamos com uma religião centralizada no templo de Jerusalém, regulada pela lei, com um único Deus, masculino, administrado por sacerdotes, em Israel Norte, berço da formação do povo de Israel, ocorre o contrário. Ali abundam cultos a diversas divindades, boa parte femininas e da fertilidade, espalhadas pelos campos, em seus vários santuários, comumente denominados de “lugares altos” (*Bamot*). Uma realidade muito mais próxima e parecida com a diversidade religiosa dos povos da América latina e Caribe.

### **Referências bibliográficas**

- BIRAN, Avraham; NAVEH, Joseph. An Aramaic Stele Fragment from Tel Dan. *Israel Exploration Journal*, 43, 1993, p. 81-98.
- BIRAN, Avraham; NAVEH, Joseph. The Tel Dan inscription: a new fragment. *Israel Exploration Journal*, 45, 1995, p. 1-18.
- FINKELSTEIN, Israel. State formation in Israel and Judah: A contrast in context, a contrast in trajectory. *Near Eastern Archaeology*, 62, 1999, p. 35-62.
- FINKELSTEIN, Israel. *The Forgotten Kingdom: The Archaeology and History of Northern Israel*. Atlanta: Society of Biblical Literature, 2013.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *David and Solomon: In Search of the Bible's Sacred Kings and the Roots of the Western Tradition*. New York: The Free Press, 2006.
- FINKELSTEIN, Israel; SILBERMAN, Neil A. *The Bible Unearthed: Archaeology's New Vision of Ancient Israel and the Origin of Its Sacred Texts*. New York: The Free Press, 2001.
- GUNKEL, H.. *Genesis*. Gießen: Göttingen, 1964.

- HOOP, R. de. *Genesis 49 in its Literary and Historical Context*. Boston: Brill, 1999.
- KAEFER, José Ademar. A Estela de Dã. *Caminhando*, vol. 17, n. 2, São Bernardo do Campo, Editeo, 2012, p. 33-46.
- KAEFER, José Ademar. A função de Gênesis 49 na narrativa do livro de Gênesis. *RIBLA*, n. 50, São Paulo, Vozes, 2005, p. 64-69.
- KAEFER, José Ademar. O Êxodo como tradição de Israel Norte, sob a condução de El e Javé na forma de touro jovem. *Horizonte*, vol. 13, n. 38, 2015, p. 888-889.
- KAEFER, José Ademar. As “tribos de Israel”! Memórias remanescentes em Jz 5,14-18. *RIBLA*, n. 75 (em vias de publicação), São Bernardo do Campo, Metodista, 2017.
- KAEFER, José Ademar. *Un Pueblo libre y sin reyes: La función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco*. ABE/44. Estella: Editora Verbo Divino, 2006.
- KAEFER, José Ademar. Tribalismo na história de Israel: perspectiva ainda válida? *Revista Espaços*, vol. 18, n. 2, São Paulo, Editora Santuário, 2010, p. 169-177.
- KORPEL, M. C. A. A Rift in the Clouds: Ugaritic and Hebrew Descriptions of the Divine. *UBL*, n. 8, Münster, 1990.
- MACHI, Jean de. *Israël et ses tribus selon Genèse 49*. Freiburg: Editions Universitaires, 2001.
- MOOR, J. C. de. Genesis 49 and the Early History of Israel. J.C. De Moor J. C. E Van Rooy, H. F. (orgs.), *Past, Present, Future – The Deuteronomistic History and the Prophets*. Boston: Brill, 2000, p. 176-198.
- MOWINCKEL, S. Rahelstämme und Leastämme. *BZAW* n. 77, Berlin, 1958, p. 129-150.
- SANMARTÍN, J., Problemas de textología en las « Bendiciones » de Moisés (Dt 33) y de Jacob (Gn 49). Callaso/E. Zurro (org.), *FS L.A. Schökel*, Madrid, 1983, p. 75-96.
- SCHÖKEL, L. A. *Dicionário bíblico hebraico-português*. São Paulo: Paulus, 1997.
- SEEBASS, H. Die Stämmesprüche Gn 49,3-27. *ZAW* n. 96, Berlin, p. 333-350.
- SPEISER, E.A., *Genesis: A New Translation with Introduction and Commentary*. Garden City, 1964.
- WESTERMANN, Claus. *Genesis 37-50*. Neukirchen-Vluyn, 1982.
- ZOBEL, H. J. Stammesspruch und Geschichte. Die Angaben von Gen 49, Dtn 33 und Jdc 5 über die politischen und kultischen Zustände im damaligen Israel. *BZAW*, n. 95, Berlin/New York, 1965.

<sup>1</sup> Este artigo é fruto do projeto de pesquisa “Arqueologia do Antigo Oriente Próximo” no Programa de Pós Graduação da UMESP.

<sup>2</sup> No princípio as duas monarquias se distinguiam claramente uma da outra: Israel era o norte e Judá era o sul. Entre ambas havia uma linha fronteira mais ou menos natural que cruzava de leste a oeste o território considerado de Benjamim. Quando, por volta de 720 a.C., a Assíria conquista a capital Samaria, Israel, enquanto reino, desaparece para sempre. Judá, no entanto, não só subsiste, mas também assimila a história, parte da cultura, e o nome de Israel. De maneira

que, com o tempo, Judá também se autodenomina Israel. É por isso que cunhamos a expressão “Israel Norte” para distingui-la da Israel-Judá pós 720 a.C..

<sup>3</sup> Boa parte dessa pesquisa pode ser acessada em: <https://metodista.academia.edu/Jos%C3%A9AdemarKaefér>

E também em: <http://portal.metodista.br/arqueologia>

<sup>4</sup> A estela é composta por três fragmentos, denominados pelos arqueólogos de A, B1 e B2 (Biran; Naveh, 1995). O primeiro, maior, foi encontrado em julho de 1993, e os outros dois, menores, em junho de 1994. Juntos, os três pedaços formam um texto mais ou menos legível.

<sup>5</sup> Há dúvidas se a conquista se deve a Salmanassar V ou a Sargão II, seu sucessor.

<sup>6</sup> Quando nos referimos a Gn 49 estamos tratando de fato de Gn 49,1-28, sem os v. 29-33.

<sup>7</sup> (Gn 37-48).

<sup>8</sup> Ou seja, a bênção aos doze filhos e morte de Jacó narrada em Gn 49.

<sup>9</sup> Para uma ampla análise da tradução veja Kaefér, J. A. *Um pueblo libre y sin reyes – La función de Gn 49 y Dt 33 en la composición del Pentateuco*, 63-229.

<sup>10</sup> Praticamente existe um consenso entre os estudiosos de que a letra hebraica *m final*, que precede o nome Aser no início do v.20, pertence ao final do v.19, o que resultará no substantivo plural “retaguardas”, literalmente “calcanhares”. Certamente esse traslado deve-se a um cochilo do copista.

<sup>11</sup> Perceba o leitor que os filhos no início (v. 1) se tornam tribos no final (v. 28). Esta é a primeira vez que a expressão “as tribos de Israel” aparece na Bíblia.

<sup>12</sup> Isso fica mais evidente quando nos damos conta de que a acusação que pesa sobre os dois irmãos, Simeão e Levi, foi acrescentada à narrativa de Gn 34 posterior a Gn 49 (Kaefér, 2006, p. 95s.).

<sup>13</sup> Veja nosso artigo que está em vias de publicação em RIBLA 75 (2017), onde buscamos demonstrar que Jz 5,14-18 apresenta antigas memórias remanescentes de Israel Norte e que serviu de base para a composição do cântico de Débora (Jz 5).

<sup>14</sup> E.A. Speiser, *Genesis*, p. 367-368, lê “filho de asno selvagem”; M. C. A. Korpel, *A Rift in the Clouds: Ugaritic and Hebrew Descriptions of the Divine*, p.532-534, traduz “filho de novilha”; A. Schökel, *Dicionário bíblico hebraico-português*, propõe “potro”; J. D. Macchi, *Israël et ses tribus*, p. 185, traduz “filho de vaca”.

<sup>15</sup> Por exemplo: “José é um ramo frutífero, ramo frutífero junto à fonte; seus galhos se estendem sobre o muro” (Almeida revisada, 1999).

<sup>16</sup> Esta cena lembra os desenhos encontrados em Kuntillet ‘Ajrud, um sítio arqueológico do deserto do Sinai.

<sup>17</sup> Nm 1,10.32; 13,11; 26,28.37; 27,1; 32,33; 34,23; 36,1.5.12; Js 14,4;16,1.4; 17,1-2.17.

<sup>18</sup> Algumas vezes também Benjamim (2Sm 19,21).

<sup>19</sup> O mesmo parece ter acontecido em Dt 33,17 e Jz 1,22-26.

<sup>20</sup> Veja abordagem em Kaefér, 2005, p. 64-69.

<sup>21</sup> Der Text lässt noch deutlich erkennen, besonders in 26b, daß hier ein über eine Person gesprochener Segen (wie Gn 27) auf einen Stamm übertragen ist“ (Westermann, *Genesis*, 1982, p. 275).

<sup>22</sup> Talvez também os v.3-7, que também foram descaracterizados, e o v.27.

<sup>23</sup> Veja a recente dissertação de mestrado de Cecília Toseli: “O Êxodo como Tradição Fundante de Israel Norte” (UMESP, 2016).

Recebido em 15/05/2017, revisado em 04/10/2017, aceito para publicação em 29/01/2018.